

## HISTÓRIA E LITERATURA: UM PERCURSO METODOLÓGICO NO ESTUDO DA CIDADE

Eloísa Pereira Barroso <sup>1</sup>

**Resumo:** Estudar a cidade via literatura e história é negociar cada passo entre a multiplicidade dos fatores relevantes tanto na historiografia, como na produção literária. Essa complexidade de reconstrução das relações estabelecidas pelo viés da linguagem metaforizada é o que permite captar a formação da ordem social da cidade, bem como os processos relacionais inscritos no espaço e no tempo definidos pelas pretensões dos projetos de urbanização e pelas práticas sociais dos cidadãos. O desafio deste artigo é criar uma estrutura interativa de pesquisa, na qual a literatura seja mais um elemento para a história compreender e decifrar os processos de mudança cultural e social no espaço urbano, sem se reduzir o valor artístico do texto literário.

**PALAVRAS CHAVES:** História; Literatura; Cidade; Modernidade

**Abstract:** Studying the city via literature and history is to negotiate each step between the multiplicity of factors relevant both in historiography, as in literary production. This complexity of rebuilding relationships established by the bias of metaphorized language is what allows to one capture the formation of the social order of the city, as well as relational processes inscribed in space and time defined by the pretensions of urbanization projects and the social practices of urbanites. The challenge of this paper is to create a framework for interactive research in which literature is another element to the story to understand and decipher the processes of cultural and social change in urban space without reducing the artistic value of the literary text.

**KEY WORDS:** History, Literature; City; Modernity

---

<sup>1</sup> - Doutora em sociologia pela Universidade de Brasília, Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade de Brasília (UnB) e credenciada ao Programa de Pós Graduação do Centro de Excelência em Turismo da UnB. Atualmente está Diretora da Associação Brasileira de História Oral- Região Centro Oeste.

2.Perspectiva conceitual – Ao pesquisador é necessário um conjunto de conceitos que compreendam tanto o instrumental teórico da história, quanto da literatura.

3.Perspectiva de Interpretação – O pesquisador precisa estabelecer uma análise da obra apoiada por séries estruturadas pela interpretação. É importante lembrar que essa interpretação sempre deve ser comprovada por palavras extraídas do próprio texto literário.

Fonte geradora de análise, a cidade encerra diversas possibilidades de discursos, dentre eles a literatura. A literatura como um discurso sobre a cidade organiza uma outra prospecção para a análise do espaço social urbano. Os conflitos encerrados nos textos literários expõem a subjetividade e a convivência entre indivíduos que se encontram nos mais variados locais. Os lugares da sociabilidade urbana não se limitam aos já comumente conhecidos. Os seres da cidade, personagens da ficção moderna, explicitam relações cotidianas. De um lado o indivíduo, do outro a ideia da cidade como organização da modernidade, a cidade é tanto conquista, como condenação, é esperança e desespero.

A obra literária decola de uma realidade material concreta, esta realidade se manifesta no texto e ao ser identificada pela crítica torna possível à pesquisa extrair os elementos sociais que organizam a experiência humana permitindo a construção dos fatores culturais expressos na obra.

Por isso a necessidade de ver a obra a fundo, decifrar o que elas falam sem dizer. O leitor crítico deve ter intuição e sensibilidade para conseguir penetrar na estrutura profunda da obra, portanto é imprescindível um instrumental teórico para auxiliá-lo nessa jornada composto de:

1. Metodologia – A metodologia consiste em definir uma forma para abordar o texto literário.

Diante dessa constatação nos remetemos à questão posta por Antônio Cândido (1973) quando ele pergunta: “Como estudar o texto literário levando em conta o seu vínculo com as motivações exteriores providas da sociedade, sem cair no paralelismo, que leva a tratá-lo como documento?” (CÂNDIDO, 1973, p. 24).

Não se pode esquecer que a literatura como fonte de pesquisa da história é uma forma peculiar de buscar compreender a realidade objetivada. Nessa perspectiva cabe à história abdicar de seu poder de enunciação de uma intenção verdade. É preciso admitir que os enunciados do discurso literário são fontes onde se

circunscrevem marcos indiciários de uma realidade na qual o historiador confronta com a realidade objetiva e constrói um processo de análise. Seu olhar torna-se um olhar entre as possibilidades fornecidas pelas duas áreas do conhecimento, a literatura e a história.

A cidade real cede lugar à cidade da ficção, mas neste espaço criado pela palavra a cidade real continua a existir. Ao conservar a referência ao mundo, mas inventando uma outra realidade, o escritor, de certo modo, cria uma imagem eficiente na qual se registra um espaço tecido pela verossimilhança. As metáforas introduzem uma possibilidade decisiva de um mundo, ao mesmo tempo real e inventado. Para o discurso historiográfico interessam as referências desse mundo que dizem respeito ao mundo real, pois que o fulgor do real coloca-se como presença poderosa permitindo ao cientista uma leitura do social.

A literatura ao comportar uma dimensão de verdade torna-se um registro de acontecimentos, não que isso seja tarefa sua, mas essa correlação com a realidade mantém um compromisso do texto literário com o real, dando-lhe credibilidade ao relato. Ou seja, ao refigurar o tempo, como diz Ricoeur (1994), pois ao trabalhar com a reinscrição no tempo, o discurso literário dá voz ao passado e faz erigir o presente, permitindo que essa intensidade temporal reinscreva a realidade em outra instância, ou seja, é possível ao cientista social detectar fragmentos dessa realidade re-apresentada pelo escritor, na medida em que essa justaposição do tempo e do espaço feitas pela imaginação criadora atribui sentidos às ações cotidianas vivenciadas pelo ser social na cidade.

A criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo de uma práxis socialmente condicionada. Mas isso só se torna possível graças a uma redução ao gratuito, ao teoricamente incondicionado, que dá ingresso ao mundo da ilusão e se transforma dialeticamente em algo empenhado, na medida em que suscita uma visão de mundo. (CÂNDIDO, 1973, p.55)

As leituras feitas pelo texto literário buscam para a cidade outras leituras da realidade. Se o olhar qualifica o mundo como nos diz Pesavento (1992), o olhar

literário tem a capacidade de transformar o acontecimento em fato social e o lugar em espaço também social. A cidade torna-se um texto e cabe ao cientista social fazer a leitura deste texto, investindo significados sociais para compreender e perceber o sentido dado ao espaço da *Urbis* e as diversas formas de pensamentos submersos nas representações dos enunciados da cidade texto.

A arte e, portanto a literatura é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando uma atitude de gratuidade. (CÂNDIDO, 1973, p. 53)

A realidade social está presente tanto no mundo criado pelas palavras quanto no mundo não ficcional, entre estas duas realidades oscilam o vaivém entre realidade e ficção. A força do mundo real e a força do mundo imaginário se fundem formando uma realidade ora ambígua, ora não, mas perfeitamente plausível para olhar a cidade real. Assim a cidade torna-se um tema capaz de permitir a interação entre o sentido próprio e o sentido figurado da palavra. As imagens, as alusões... dadas pelos vocábulos geram um significado paralelo, no qual figuram os espaços urbanos que se instalam no texto de ficção.

A busca da verdade na literatura se norteia frequentemente pelo esforço de construir uma visão coerente e verossímil que seja bastante geral para ir além da particularidade e bastante concreta para não se descarnar em abstração. Por isso é decisiva a maneira pela qual são tratados os elementos particulares, os pormenores que integram uma descrição ou uma narrativa, seja da vida interior, seja do quadro onde vivemos. (CÂNDIDO, 1973, p 123).

---

<sup>2</sup> Neste trabalho tomamos como base a definição que Paul Ricoeur faz de metáfora, para ele “a interpretação metafórica pressupõe uma interpretação literal que se autodestrói numa contradição signifiante. É esse processo de autodestruição ou de transformação que impõe uma espécie de torção às palavras, uma extensão do sentido, graças à qual podemos descortinar um sentido onde uma interpretação literal seria absurda. Por isso uma metáfora surge como uma espécie de réplica a certa inconsistência na enunciação metafórica interpretada à letra. (RICOEUR, 2000, p. 62). A metáfora só ocorre porque há um excesso de sentido cuja interpretação literal pura não dá conta. Assim a metáfora é essencial para a inovação do sentido, ela permite a inovação e o aparecimento de novos sentidos. Fundamentalmente a linguagem poética se vale da construção metafórica para se concretizar, no caso deste artigo a metáfora é essencial, haja vista ser o nosso objeto de reflexão a relação entre literatura e história no estudo da cidade. Isso posto concordamos plenamente com Ricoeur quando ele

diz que “a linguagem poética não diz menos a respeito da realidade do que qualquer outro uso da linguagem, mas refere-se a ela por meio de uma estratégia complexa que implica como componente essencial, uma suspensão e, analogamente, uma anulação da referência comum ligada à linguagem descritiva. A linguagem metafórica constitui referência primordial até o ponto em que venha a sugerir, a revelar, a descobrir - ou qualquer que seja o termo - as estruturas profundas da realidade com as quais estamos relacionados como mortais que nascem neste mundo” (RICOEUR, 1992, p. 153 – 154). Dessa maneira é que o texto literário, composto por linguagem metafórica, “está ligado por aquilo que cria, se a suspensão do discurso ordinário e da sua intenção didática assume um caráter urgente para o” escritor “é porque a redução dos valores referenciais do discurso comum é a condição negativa que permite novas configurações exprimindo o sentido da realidade que se deve trazer à linguagem. Por meio das novas configurações trazem-se também à linguagem novos modos de estar- no- mundo, de aí viver e de nele projetar as nossas possibilidades mais íntimas (...) o que liga o discurso poético é, pois, a necessidade de trazer à linguagem modos de ser que a visão ordinária obscurece ou reprime. (RICOEUR, 2000, p. 71-72).

Não se pode esquecer que o autor pode manipular a palavra reforçando ou atenuando sua semelhança com o mundo real. Em alguns momentos as metáforas<sup>2</sup> garantem o nexos com o mundo. É graças à metáfora que o escritor torna o mundo real presente no texto de ficção. Embora, às vezes, pareça pela construção do verso não existir mais nenhuma realidade plausível, é possível perceber uma mensagem com vida própria na qual a verossimilhança se instala permitindo uma comparação entre a experiência real e a experiência literária. Essa comparação exige do historiador um esforço de adaptação. O ato de interpretar não é óbvio, pois no processo de ficção a realidade do mundo é desfeita, ela parece desfigurada e o objeto referido pela palavra parece passar para dentro do discurso literário. “Aparentemente não é mais o mundo, é outra coisa que parece não existir fora dos limites do texto” (CÂNDIDO, 2003, p. 31).

O texto literário parece sugerir uma experimentação fragmentária, à primeira vista desconectada do mundo exterior. A realidade, embora aproximativa, é descontínua, ela parece residir mais nas palavras do que naquilo que ela designa. Ao desfazer o mundo da experiência racionalizada reduzem-se as impressões fugidias e incompletas, nascidas do ato de criação. Na realidade refeita pela palavra

repousa um significado profundo. No processo de fazer e desfazer é como se a palavra repusesse um mundo refeito por ela, de tal modo que o discurso propõe-se como finalidade de si mesmo ao chamar a atenção sobre si por meio dos recursos de sonoridade e simbolização. Portanto a lógica textual antepõe se a outra e cria uma razão específica antes de deixar ver sua razão enquanto referência da realidade externa.

Ao efetuar uma substituição do mundo real pela força criadora da palavra há a criação de um mundo fantástico, embora nascido rigorosamente do mundo real e possuir todos os elementos reais, o mundo da ficção parece distante, mas é bom lembrar que ele sempre se constrói com elementos da realidade. As paisagens, as personagens, as emoções... descritas pelas palavras garantem o elo de recordações que permitem o movimento de instauração do mundo real no texto literário, que mesmo transfigurado em significados diversos não abole a validade do mundo social ali presente. Assim pode se afirmar que a cidade permite ao discurso literário o sentimento do cotidiano como possibilidade, posto que as imagens suscitadas dão vida especial ao sentido “externo” garantindo a relação do discurso literário com o ser e com o mundo.

Afinal o escritor almeja realçar seu discurso, por isso sempre recorre a diversos meios instaurados no campo semântico. Isso torna a criação literária portadora de um sistema específico de sentido que ora é convergente, paralelo, ora é divergente em relação a realidade. Não se pode esquecer ser o discurso poético aquele que chama a atenção sobre si mesmo, por isso ele é capaz de fazer com que o mundo real seja esquecido e que outro mundo seja criado. Portanto, num ato de interpretação cabe ao estudo sociológico a assimilação alegórica da realidade nascente trabalhada pelo literato. “Claro que na análise sociológica de um texto literário não se pode esquecer que o discurso literário refaz o mundo desfeito pelo ímpeto da imaginação”. (CÂNDIDO, 2003, p. 34).

Quando o texto literário se situa no espaço da representação, ele faz da realidade o seu ponto de partida, o mundo referido então se abre para ser investido de sentidos para que a realidade então passe a carregar dentro de si outros significados. Cada coisa, cada fenômeno, cada representação se move de

forma que significados se renovam dando outras possibilidades ao objeto. No caso deste estudo, aos processos de urbanização.

Assim a análise da obra estética só pode ser entendida se texto e contexto não estiverem dissociados. É preciso uma interpretação dialeticamente íntegra. Nessa ordem de pensamento o fator externo - social - é um elemento interno à obra, desempenha um papel na estrutura textual, tornando-se responsável pelas significações presentes no texto literário. “A produção da arte e da literatura se processa por meio de representações estilizadas, de uma certa visão das coisas, coletiva na origem, que traz em si um elemento de gratuidade como parte essencial da sua natureza”. (CÂNDIDO, 1973, p. 70).

A história da literatura alinha o social ao todo estético, permitindo que a estrutura social esteja presente tanto no todo, como nas partes do texto, ou seja, da forma como ele se organiza no interior da obra permite surgir uma composição dada pela sua expressividade na estrutura do texto. O elemento social é mais do que uma referência “que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma sociedade determinada” (CÂNDIDO, 1973: 07). Ele é fator de construção artística, não um mero ilustrador das determinações históricas, ele é mais, pois consegue explicar porque, esteticamente, a dimensão social torna-se fator de arte. “tanto quanto sabemos, as manifestações artísticas são coextensivas à própria vida social, não havendo sociedade que não as manifestes como elemento necessário à sua sobrevivência”. (CÂNDIDO, 197, p. 70)

A arte adquire um sentido expressivo atuante, necessário a existência do grupo, ao mesmo título que os fenômenos econômicos, políticos, familiares ou mágico religiosos, integrando-se no complexo de relações e instituições a que chamamos abstratamente sociedade. O seu caráter mais peculiar, do ponto de vista sociológico, com importantes consequências no terreno estético, consiste na possibilidade que apresentam, mais do que em outros setores da cultura, de realização individual. Isso permite, ao mesmo tempo, uma ampla margem criadora e a possibilidade de incorporá-la ao patrimônio comum, fazendo do artista um interprete de todos. (CÂNDIDO, 1973, p. 70).

Embora não seja critério único de análise, o aspecto histórico é um item que contribui para a interpretação coerente da crítica literária. Mas o historiador ou

o crítico literário têm que estar atento ao processo, não é suficiente achar que com a realidade exterior é possível analisar a obra, ou vice versa. Não se pode esquecer que na literatura subjaz sempre o quinhão da fantasia, pois é preciso modificar a ordem do mundo, justamente para tornar a verdade mais “expressiva, pois este sentimento se constitui no leitor devido a esta tradição metódica” (CÂNDIDO, 1973 p. 03). Nesse caso é possível afirmar que arte e sociedade sobrevivem em um vasto sistema dialético, porém solidário e de influências recíprocas.

Fazer análise historiográfica via texto literário, é entrar em um mundo de convergências e revelações. No caso específico das cidades, é possível contrapontos entre modernidade e modernismo, racionalização e alienação, encanto e desencanto. Essas possibilidades se colocam como sínteses dos paradoxos onde nos processos de urbanização se tenta juntar desenvolvimento urbano e esperança, duas coisas essenciais para a reatualização da dinâmica social no processo de composição urbana.

As metáforas do texto literário adquirem diversos significados. Às vezes as situações, aparentemente prosaicas, desorganizam a contundência dos ideais da cidade. Aparecem nos textos possibilidades de leituras das práticas sociais, que, embora, pareçam certas e arraigadas na cidade moderna ocidental, são desorganizadas pelas incertezas nebulosas das imagens estabelecidas para o universo urbano. A literatura deixa visualizar, nas entrelinhas, a magnificência do progresso capitalista no mundo urbano.

As personagens são colocadas em um mundo urbano, resultado de uma dialética dolorosa. A consciência moral resvala, o tempo todo, nas pulsões e nas limitações da organização institucional secularizada do mundo moderno. Ler a cidade e compreender a expansão urbana via literatura e história pode ser uma possibilidade de reflexão das duas narrativas como a síntese de uma possível expressão do mundo da cultura. Essa síntese, dada pelos dois campos, o da arte e o da ciência, talvez seja uma forma de desencantamento diante da cidade.

No texto “La utilidad de la literatura” publicado na revista Tempo Brasileiro no ano de 1998, Volker Lühr coloca em discussão o uso da literatura pelos sociólogos. Para tanto o autor cria uma tipologia bastante significativa que deve ser apropriada



pelo historiador que faz uso da literatura na análise historiográfica. Vejamos:

**Tipo I:** os sociólogos citam passagens literárias, fora do contexto e de forma arbitrária, que pouco acrescentam ao texto sociológico apresentado.

**Tipo II:** a literatura faz análises de conflitos sociais e de contradições existentes nas sociedades de melhor qualidade que certas análises sociológicas corriqueiras.

**Tipo III:** a literatura e a história preservam a sua autonomia, mas focalizam uma mesma temática, respeitando a gramática de cada uma das disciplinas. (LÜHR, 1998, p. 08).

A partir dessa interpenetração as relações estabelecidas deverão complementar-se no sentido de suscitar o processo de ocupação do espaço urbano ao longo da história da cidade.

A literatura ao se apresentar como a possibilidade de reorganização dos mundos, um espaço no qual verdade e ficção estão misturados, coloca em questão as experiências vividas pelas personagens de forma a fazer surgir reflexões fundamentais para o estudo e a compreensão da cidade moderna.

Evidenciar a relação entre literatura e história pode ser possível compartilhar uma crítica à razão ocidental e ao projeto de modernidade. O mundo da ficção expõe essa problemática sem pudores, ao falar de si mesma através da meta-linguagem, a linguagem literária legitima a sua verdade. Assim, o espaço da análise da cidade, privilégio do discurso historiográfico, cede espaço para o desenvolvimento de uma “verdade” inconclusa na cidade da palavra.

A ideia de verdade, extraída dos textos literários é, pois, contrária à ideia de adequação. Nos textos literários é possível perceber a negação constante da utopia desenvolvimentista do projeto original. Portanto, na junção entre a história e a literatura, talvez seja possível desvelar a dimensão da cidade real para seus habitantes na “cidade das palavras”.

A “cidade das palavras” está na saga traçada pelos autores. Situada socialmente e politicamente, a palavra vai impregnando a realidade até fazer surgir no texto a

cidade na qual se tematiza o cotidiano, os sentimentos e as vivências dos moradores. Nos textos, forças conflituosas se encontram em uma realidade insólita, não renegam uma convivência paradoxal. A moldura estética da literatura permite a reconciliação do antes irreconciliável. A linguagem lírica junta os fragmentos e recompõem a natureza antes despedaçada.

A cidade, através da linguagem, se compõe de forma intersubjetiva, ganha um imaginário coletivo para se tornar, às vezes harmônica, outras antagônicas. Os fragmentos, aparentemente desconexos, são recompostos de forma a dar sentido aos contextos urdidos na trama social entre a “pedra” e a “carne”. Na perspectiva do onírico, uma visão multifacetada da cidade é o resultado da tensão entre as forças paradoxais a coexistir neste espaço. A “cidade das palavras” é emoldurada na alegoria fantasmagórica da modernidade fragmentada. A narrativa literária expõe essa luta interna e reatualiza as contradições de maneira a não se preocupar em sintetizar nenhum paradigma cristalizado.

O sentido buscado na literatura, que representa aqui o “mundo da vida”, descrito na teoria da Ação comunicativa de Habermas (2001), externa uma crítica social, ora sutil, ora devastadora, mas válida e interessante para descortinar essa nuvem nebulosa da metrópole aos olhos da “carne” circunscrita à “pedra”.

O “mundo da vida” é onde prevalece a garantia da liberdade da ação e da discussão para modificar e transformar a realidade pela via do argumento; é onde se tem a garantia da liberdade e da individualidade para o exercício do diálogo e da argumentação. Habermas defende que o “mundo da vida” é o espaço do entendimento, portanto livre da coerção do mundo sistêmico representado pelo Estado (sub-sistema político) e pelo dinheiro (sub-sistema econômico). O “mundo da vida” é regulamentado pelo discurso, onde prevalece o melhor argumento, ou seja, toda a organização societária deve ser regulamentada pela ação comunicativa, pelo discurso.

Quando se fala em discurso é importante nos reportarmos aqui a Bakhtin. Para Bakhtin (2002) não existe ato de fala individual. Na medida em que todo ato de fala está eminentemente ligado a uma situação de comunicação, perfaz, portanto, uma

situação social. Assim, todo ato de fala, para ele, traduz um confronto de valores sociais. Dessa forma jamais estará dissociado de um contexto social, pois o locutor sempre carrega consigo uma estrutura sócio-ideológica na qual o signo se liga de forma indissolúvel.

Ao divergir do subjetivismo individualista que pressupõe a palavra seguidora de um mesmo plano, independente dos diferentes contextos fora dos fluxos de comunicação verbal, Bakhtin dá ao processo de interação verbal a evidência de que a palavra possui uma significação ideológica, haja vista que a cada vez que ocorre uma manifestação verbal, ela se insere em uma dialética interna se constituindo socialmente nos atos de comunicação de uma classe. E é isso o que torna os signos ideológicos, sociais e dinâmicos.

Ao afirmar que a palavra se dirige sempre a um interlocutor, Bakhtin suscita a tese da natureza social da enunciação. Esta tese se sustenta na medida em que a palavra sempre vem determinada pelo fato de ser produzida por alguém para se dirigir a alguém. Em suma, a palavra é um território partilhado pelo locutor e pelo interlocutor na qual sua enunciação se dá sempre determinada por um “*horizonte social*”. Qualquer enunciação é socialmente dirigida e sempre revela uma expressão ideológica. Em todos os tipos de atividade mental, sejam eles filosóficos, religiosos, políticos, culturais, enfim, é a situação social que determina de que forma a enunciação se realizará.

Ao anunciar este caráter dual da linguagem em que, não considera as análises que pressupõem uma oposição dicotômica entre língua e fala, Bakhtin provoca um deslocamento na linguística. O reconhecimento de uma estrutura formal perpassada por um pressuposto da língua não existir por si mesma, provoca o surgimento de estudos que passam a encarar a linguagem não mais como uma entidade abstrata, mas um lugar onde se dá a manifestação concreta do subjetivo e do social.

Essa instância onde se dá a junção dos fatores linguísticos com os, extralinguísticos é o discurso. Ser concebida como discurso faz da linguagem um modo de produção capaz de mediar a relação do homem com sua realidade social, uma vez que a mesma jamais poderá ser estudada fora da sociedade e das

suas condições de produção.

Dentro dessa perspectiva, cabe então ao “mundo sistêmico” garantir as condições ao sujeito para sua participação na esfera pública via discurso. É preciso que todos os segmentos da sociedade estabeleçam um diálogo para, assim, a organização social ser regulamentada pela justificativa racional mais adequada. Ao propor a democracia radical, Habermas, não admite a colonização de um mundo pelo outro, para ele é necessário que os dois mundos sejam lidos em todas as dimensões da reflexão. Ao abandonar a tese positivista da ideologia e da objetividade ele propõe uma teoria crítica para o reconhecimento da sociedade. Assim, nos seus estudos está postulado o fim da coerção, o fim da alienação por vias argumentativas discursivas em que se busca o entendimento de interesses e o fim da injustiça e da pobreza pela administração racional da justiça.

Por isso a literatura não pode ser encarada apenas como um acontecimento efêmero, ela é mais, suas consequências transformam-se em ações, pois que, nascida do real ela é capaz de reagir sobre a realidade do mundo sistêmico. A literatura questiona o predomínio da consciência tecnocrática, ao não legitimar uma determinada visão discursiva. Ela questiona a pretensão de validade e adequação das regras políticas estabelecidas no processo de ocupação dos espaços urbanos e expõe as regras do jogo, renegociando as rotinas que se fazem presentes na urbanização. Os textos literários criam uma situação mediatizada pela linguagem na qual o mundo vivido no espaço urbano não está rotinizado pelo mundo sistêmico. Na literatura, a cidade se coloca quase sempre como uma espécie de prolongamento do indivíduo. A cidade é sempre uma possibilidade de o homem permanecer vivo.

Na literatura, a cidade é parte da rua, sua essência, suas imagens e suas representações estão assentadas nos problemas da vida em sociedade. A literatura impulsiona a leitura do mundo da vida, vinculada ao gênero humano, atravessa as mais diversas experiências sociais. Ao descobrir novas realidades, o texto literário abre as portas fechadas para a compreensão. Essa compreensão desnaturaliza os processos de organização do mundo sistêmico instituídas nas representações sobre o espaço urbano. A linguagem metafórica penetra nas distorções ideológicas até então legitimadas e fortalece uma outra visão para a percepção do mundo contemporâneo

no que tange a análise da cidade moderna ocidental.

Nos textos literários, a cidade torna-se uma realidade subjetiva, capaz de expressar a forma como seus moradores, na relação cotidiana com a cidade, subverteram o projeto da cidade para estabelecer um outro espaço para suas vivências. A cidade como lugar de existência da maior parte dos homens, define o sentido da condição cidadina no mundo moderno. No espaço urbano há a possibilidade de se estabelecer categorias para analisar o a vida urbana sob o signo do modo de produção capitalista.

A industrialização, o desenvolvimento, a velocidade são expressões da cidade grande moderna. Esse contexto requer uma forma de expressão própria. Mas, ao mesmo tempo, no mundo secularizado da modernidade, a arte imprime um processo de representação, específico ao mostrar a realidade como algo capaz de promover uma identificação com a possibilidade de recriação. A arte, por extensão, a arte literária permite ao homem assumir diversas formas, permite a ele se metamorfosear para viver toda a multiplicidade da experiência humana.

A realidade da urbanização está na base de discursos literários significativos que tornam real a fundação da cidade. E é nesse ponto onde se encontram efeitos enigmáticos produzidos pelos textos literários nos quais convive um desenvolvimento, por vezes, racional e previsível, e por outras, desprovido da lógica clínica dos projetos urbanos, esse paradoxo assente faz a literatura revelar uma urbanização marcada pela dubiedade. Tal dubiedade sedimenta os sentidos na forma da memória discursiva, rompendo e deslocando as fronteiras da cidade.

Várias são as formas com as quais a verdade pode ser instituída. Os efeitos de sentido que se colocam nos discursos produzidos em uma determinada sociedade são responsáveis pelas representações do imaginário construídos em uma época. Abordar os discursos como acontecimento, tanto o histórico quanto o literário, significa assim apreender sentidos produzidos para a articulação de compreensão desse espaço urbano. Portanto, essa articulação entre literatura e história precisa ser percebida como um processo no qual os sentidos são produzidos por meio de confrontos situados no tempo e no espaço histórico. O lugar onde emergem essas

relações dinâmicas permite a apreensão da subjetividade dos indivíduos, traduzida em textos variados da escrita literária, ela pode ser apreendida pela pesquisa sociológica, sem a perda do efeito estético da obra de arte.

Situar a cidade é algo necessário. Suas imagens e seus referenciais são responsáveis por darem significados à “cidade das palavras”. É importante salientar que a cidade concreta ecoa na “cidade das palavras”. As metáforas representam um universo urbano erguido na cidade texto.

A cidade ao ser tratada como o lugar, por excelência, de relações sociais apresenta um aparato ideológico próprio à apropriação do espaço urbano. A cidade real é instrumental e corporativa, ela não enxerga a si mesma, parece haver um esforço constante para ela não se reconhecer. Nas cidades dos textos literários percebe-se no processo de urbanização uma dissolução dos princípios de organização da vida social e da ocupação funcional da cidade.

Ao abordar a ambivalência entre razão emancipadora e razão instrumental, a cidade parece, nos textos literários, repudiar a ideia de progresso. Os textos literários surgem, então, como uma espécie de crítica à modernidade. A literatura coloca questões para o mundo científico. O debate entre verdade e ficção nos remete a questão da objetividade e subjetividade. Nesse debate, o texto literário expõe a subjetividade e a exprime. Isso posto, a literatura se propõe como sendo crítica da modernidade, fundamentalmente crítica a si própria, pois ela é, também, parte da modernidade.

Um universo imaginado composto por personagens a literatura legitima um espaço urbano no qual as situações vividas possibilitam o debate dos limites da cidade real. Ao ser colocado como fonte de estudo do espaço urbano, a linguagem literária surge como magia racionalizada, porque ela, propositalmente, engana e esconde suas intenções nos diálogos das personagens, ou na voz do Eu lírico.

Ao desmascarar a pseudo-inocência do mundo real, o escritor é capaz de refazer os percursos históricos percorridos pela cidade nos processos de ocupação e expansão do espaço urbano. Ao perguntar pelos sentidos dados pelos textos à cidade real perfazemos uma trilha de análise historiográfica da configuração do

espaço urbano, em que os possíveis significados da ocupação urbana não se esgotam.

A cidade da palavra não procura aperfeiçoar a cidade real, ao contrário, desconstrói suas premissas, embora não deixe de reafirmar sua condição de cidade moderna. Não cabe à literatura a expressão da verdade, ela não tem responsabilidade com enunciados para afirmar ou negar qualquer certeza. A literatura não diz, ela se coloca no distanciamento através da sua condição de ficção. E é nesse distanciamento, nessa falta de pretensão de dizer que a literatura mostra a verdade nos fragmentos textuais. A junção desses fragmentos faz da linguagem literária uma forma capaz de intermediar a compreensão da cidade real. A literatura é, portanto, uma categoria incapaz de sucumbir, porque a palavra não é lida somente no seu sentido denotativo, literal. A linguagem da obra de arte literária suscita imagens contraditórias com o real e pelo fragmento. Ela rompe as estruturas reificadas da sociedade moderna e cria outras alegorias para a leitura da cidade moderna. As metáforas expandem a polissemia das análises.

Assim os romances, as crônicas, as poesias e os contos ao falarem da cidade, permitem ao historiador outras formas para pensá-la. Na linguagem metafórica figuram formas únicas de vivenciar a modernidade urbana.

Portanto, a cidade acontece de formas múltiplas nos textos. Sua tradução na literatura não obedece a uma sequência, ou uma linguagem pré-determinada. As representações colocadas pela crônica, pelo romance ou pela poesia permitem interpretações inesgotáveis. Os quadros instantâneos e as imagens emergem das metáforas, revelando a cidade invisível. O artista é capaz de exprimir as ideias de seu tempo. Na sua atividade faz vir à tona a luta pela causa da humanidade. Em sua subjetividade, a subjetividade humana torna livre o espírito de qualquer atitude coercitiva. A atitude do artista é sempre buscar a liberdade.

Ao ler a cidade traduzida pela escritura do literato, rompe-se o caráter linear da compreensão. Os símbolos suscitados pelos textos realizam o duplo jogo da forma e do movimento para se chegar à essência da estrutura das relações sociais estabelecidas no espaço urbano.

Assim estudar o desenvolvimento urbano via literatura é negociar cada passo entre a multiplicidade dos fatores relevantes tanto na historiografia, como na produção literária. Essa complexidade de reconstrução das relações estabelecidas pelo viés da linguagem metaforizada é o que permite captar a formação da ordem social da cidade, bem como os processos relacionais inscritos no espaço e no tempo que são redefinidos cotidianamente pelas práticas sociais de seus habitantes. O desafio em um estudo que eleja as relações entre história e literatura é criar uma estrutura interativa de pesquisa, na qual a literatura seja mais um elemento para a história compreender e decifrar os processos de mudança cultural e social, sem se reduzir o valor artístico do texto. Nessa perspectiva, acredita-se na possibilidade de entender a complexidade das condições de criação das cidades via práticas sociais, na medida em que estas são forças que compõem o mundo social.

Assim a cidade-problema, a cidade representação, a cidade plural, a cidade metáfora vista pela obra literária não se constitui apenas como um fato, mas como um objeto de análise e tema de reflexão, enfim, como objeto de questionamento.

No entanto é preciso estar atento às considerações da tradição da crítica literária. A linguagem literária não alude diretamente à realidade, não é função da literatura proporcionar um retrato fiel dessa realidade. Portanto há de se cuidar neste estudo sociológico que o compromisso primeiro da literatura é com a arte. Não é objetivo dela se prender ao real. À literatura cabe instaurar objetividades peculiares a uma quase realidade dada e inventada conforme seu potencial verossímil. É preciso lembrar que a obra de arte literária não representa o originado, as coisas já feitas e conhecidas, mas sim, o incessantemente renovado originar-se ou apresentar-se das coisas, de modo que elas se tornem presentes em plenitude sensória e comportem uma transfiguração luminosa para o novo que nela estava oculto transpareça e jamais permaneça estático e imutável. Barthes (1978) nos alerta ainda ser o discurso literário capaz de subverter a ordem estabelecida; por estar rigorosamente fora dela, a literatura provoca um deslocamento na ordem da língua. Nesse sentido, as obras selecionadas podem construir enunciados que, não instituem, de forma pré-determinada, uma consciência definidora de uma visão homogeneizada da cidade escolhida.



Daí o estabelecimento de um problema já que o termo verdade quando usado em referência à obra literária tem significado diverso, podendo ser qualquer coisa concebida como verdadeira. A verdade na obra literária quase sempre tende à atitude subjetiva do autor. Nessas condições a verificação aspectos pertinentes à história pode-se dar, também, a partir de uma interpretação do escritor e do leitor. Por esse motivo recomenda-se estar atento para o eixo que estrutura as narrativas e a poesia das obras literárias, cujo distanciamento da análise fidedigna do real pode ser um fato. Fato este que desmonta, desloca e transfigura os sinais da vida cotidiana documentada e analisada pelo método científico.

As condições da vida social na modernidade tornaram-se complexas. As relações foram objetivadas, a desumanização e o notório estabelecimento do estado monótono de coisa, criaram uma atmosfera opressiva e desencorajadora. A arte foi tomada pelo estado de fragmentação, fazendo a existência humana ser construída de detalhes. Isso torna, cada vez mais, difícil à compreensão das relações sociais.

A discrepância instaurada nesse cenário entre a consciência social e o avanço da tecnologia, faz o homem não ser nada e o êxito o fim de tudo.

A vida e o mundo ao se tornarem, excessivamente, fragmentados permitem ao texto literário assemelhar-se a um conglomerado caótico de fragmentos humanos e materiais. O texto não mais permite uma imaginação totalizante, só há a possibilidade de uma linguagem heterogênea recheada de detalhes. O literato da metrópole moderna adapta sua imaginação criadora a essa realidade do fragmento. A mente decompõe o mundo em pedaços para, deliberadamente, reconstituí-lo por meio do verbo.

Ao ordenar e juntar as partes tem-se a criação de um novo mundo. Escapando da realidade comum, as cidades das palavras carregam todos os despojos da realidade destruída e reconstruída pela alma lírica que tudo junta. A montagem de fragmentos, junto ao irracionalismo intelectualizado permite à fantasia das associações erigir um mundo de vocábulos capaz de compor a fisionomia da cidade moderna.

Ao fixarem a realidade social em seus textos, os artistas procuram fomentar

uma representação da realidade. A literatura não pode ser lida como algo que divorcia o homem de sua realidade social. Como uma forma de protesto contra a sociedade capitalista, ela se transforma cada vez mais. As interações estabelecidas no interior de uma sociedade são infinitamente complexas, pois as forças produtivas estão em transformações contínuas, portanto um conteúdo social jamais se expressa diretamente. Dessa maneira uma história da literatura precisa estar atenta a esse caráter oblíquo colocado por ele. Assim a seguinte questão se coloca: Como são combinados os elementos sociais e temáticos para a criação dessa cidade das palavras?

A literatura transforma em algo novo o já existente. As novas maneiras elaboradas para se ver e ouvir estão intimamente ligadas às realidades sociais por ela configuradas. O ritmo, o barulho e o tempo das cidades grandes estimulam paisagens capazes de refletirem as perspectivas do homem urbano. Portanto, isso nos faz crer na relevância do elemento social para a constituição do texto literário. Isso pode fazer da obra de arte literária, também, uma forma solidificada de experiência social, porém, a essa solidez não deve estar imputada a ideia de paralisia, pois a produção material humana enriquece de experiência a expressão artística literária do homem.

A literatura é experiência humana, e como tal, mesmo no seu mais alto grau de subjetividade, não deixa de ser uma experiência social. “O poeta é o descobridor da experiência, através dele, outros aprendem a reconhecê-la como experiências também deles e por meio da expressão que ela, afinal encontrou, chegam a assimilá-la” (FISCHER, 1959, p. 192).

Baudelaire ao descobrir a solidão da metrópole moderna, permitiu ao mundo a criação de uma outra consciência para perceber a cidade. Por meio dos recursos linguísticos próprios à sua época, fez ressoar os sentidos do espaço urbano para o homem. Ele foi capaz de conferir a cada palavra um novo significado. Significado este oriundo da dialética da “interação das palavras do poema e do fato de que cada palavra comunicasse, além do seu conteúdo específico, um conteúdo assumido no contexto da metrópole” (FISCHER, 1959, p. 192).

Em uma espécie de efusão sentimental a metrópole exige uma linguagem recheada de imagens vertiginosas, exuberantes ao ritmo frenético da metrópole moderna. As associações oníricas reverberam em uma poeticidade dando sentimento de união do homem à cidade. O sentimento é quase aterrador, a sensação impressa na linguagem é de uma ferocidade absoluta, renega a contemplação e traz à superfície a sedução do movimento, enfim a metrópole exige que a linguagem não abdique da paixão.

Além disso, na nossa tradição latino-americana a literatura contribuiu com grande eficácia para a formação de uma consciência nacional e para pesquisar a vida e os problemas sociais. Ela foi menos um empecilho para a formação do espírito técnico-científico do que um paliativo à sua fraqueza.

Por esse motivo a literatura pode ser visitada como *locus* privilegiado para se entender o processo pelo qual se configuram uma língua, forma singular de existir de um povo, uma cultura, e pode avaliar o aporte de uma dada tradição cultural e lingüística. Um dado conjunto de obras nos permite, também, avaliar o grau de refinamento e originalidade de uma sociedade. Para Barthes (1978) a função da literatura na economia geral de nossa sociedade é, precisamente, institucionalizar a subjetividade. É uma espécie de usina singular porque recria a matéria prima essencial à língua e às visões de mundo com que se definem uma época, uma cultura, um povo.

O problema que se caracteriza como centro da investigação urbana está na possibilidade de o historiador descobrir as formas de organização social, presentes, ou prestes a emergir em grupamentos. À primeira vista, esses grupamentos parecem compactos, permanentes, mas, em essência, sufocam uma heterogeneidade de caráter dinâmico.

Relativa às necessidades, a ideia de conhecimento exige uma representação do mundo geral e conceitual que se opõe à realidade profunda e essencialmente individual dos seres. O conhecimento funciona para indivíduos e as espécies como a busca da verdade que corresponde à maneira de ser dos mesmos. Suas representações do real e os campos simbólicos materializados para evidenciar as

relações sociais, constituem a resposta adequada. Simmel, na interpretação de Leopoldo Waizbort (2000), em suas posições teóricas, tenta superar a tentação do relativismo individualista ao afirmar que toda visão individual proporciona somente uma possibilidade de leitura do presente, uma parte fragmentada do objeto.

Em sua cultura filosófica, baseada na micro-história, há uma relativização do que se quer absoluto. Ao analisar as instituições sociais e as normas, Simmel quer detectar o que está por detrás delas, quer perceber suas condições históricas, sociais e psíquicas. Através dessas condições ele interpreta os fenômenos levando em consideração a dinâmica da vida social. A epistemologia do pensamento de Simmel consiste em negar um diagnóstico do presente, ou uma filosofia da cultura, ou uma teoria do moderno com fim em si mesmos. Somente no deslocamento constante das perspectivas que elas operam é que Simmel pode ganhar para suas análises a mobilidade que é característica de seus objetos. Desse modo, sua atitude é ela própria uma estratégia de interpretação e conhecimento.

A literatura se separa da escrita científica, na medida em que ela concentra e condensa a singularidade humana de forma concreta, sensível e individual. No uso das metáforas e das metonímias a subjetividade é captada no plano do mundo sensível. A literatura abole as determinações de uma época e as sujeições constitutivas da existência social, ela é por excelência uma forma de arte transgressora, cuja linguagem reinventa a realidade e faz surgir outras formas de sociabilidade. Relacionando ao pensamento de Simmel, a análise da cidade no texto literário nega uma leitura da cidade com fim em si mesma, já que a atitude de interpretação possibilita compreender e explicar a realidade e a subjetividade das relações sociais instituídas nesse espaço urbano. Por fim, a literatura não pode, deliberadamente, rejeitar a compreensão do social quando este se faz presente no texto, se assim o fizer corre o risco de perder o acesso a realidade.

Estabelecer o diálogo entre a história e a literatura no estudo da cidade, significa permitir compreender as desigualdades e as tensões sociais no processo de ocupação do espaço urbano. Os textos literários explicitam o jogo das forças sociais. Nos construtos imaginários há uma profusão de cenários, rearranjados e alterados pela trama literária, permitindo visualizar, no jogo das forças sociais, uma trama de

relações que explicam os momentos de urbanização da cidade.

### **Considerações Finais**

As metáforas do texto literário adquirem diversos significados. Às vezes as situações, aparentemente prosaicas, desorganizam a contundência dos ideais da cidade modernista. Aparecem nos textos possibilidades de leituras das práticas sociais, que, embora, pareçam certas e arraigadas na cidade moderna ocidental, são desorganizadas pelas incertezas nebulosas das imagens estabelecidas para o universo urbano. A literatura deixa visualizar, nas entrelinhas, a magnificência do progresso capitalista no mundo urbano.

Kafka, Dostoiévski, Thomas Mann, Baudelaire, Zola,... são exemplos de autores que deram ao mundo textos literários nos quais estão esboçados o processo de burocratização, a modernização e a urbanização do mundo. Com perspicácia estes escritores perceberam que em lugar da razão crítica, no mundo moderno prevalece a razão instrumental.

No Brasil é relevante a contribuição de Machado de Assis, Lima Barreto, Mário de Andrade e de tantos outros para se entender o pensamento social brasileiro, bem como o processo e urbanização da sociedade nacional.

A literatura possui obras que podem ser tomadas como emblema da reflexão da modernidade. Os temas, os dilemas e os símbolos presentes nos textos literários podem, embora nem sempre os façam, permitir a análise do universo social urbano. Os sentimentos e os entendimentos do indivíduo surgem de forma desconcertante, exorcizando ou imaginando espaços urbanos, nos quais os paroxismos da linguagem revelam as antinomias da cidade. Assim a literatura torna-se um lugar para a verificação da linguagem historiográfica, na medida em que nela está contida uma imagem dialética e criadora da cidade e seus duplos. Ela reitera, continuamente, as imagens da cidade como lugar de pecado e salvação, alienação e emancipação, razão e emoção.

Na cidade do verbo a realidade pacífica rui, o indivíduo pode ser colocado diante de situações assustadoras e ao mesmo tempo recheadas de tranquilidade, ele pode sobressair-se ou tornar-se anônimo, salvar-se ou perder-se. No mundo padronizado, a literatura não se furta em desconstruir o ideal positivista de ordem e progresso.

As personagens são colocadas em um mundo urbano, resultado de uma dialética dolorosa. A consciência moral resvala, o tempo todo, nas pulsões e nas limitações da organização institucional secularizada do mundo moderno. Ler a cidade e compreender a sua expansão urbana via literatura e história permite a reflexão das duas narrativas como a síntese de uma possível expressão do mundo da cultura. Essa síntese, dada pelos dois campos, o da arte e o da ciência, talvez seja uma forma de desencantamento diante da cidade.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 9ª edição. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora HUCITEC ANNABLUME, 2002.

\_\_\_\_\_. *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000.

BARTHES, Roland. *O Grau Zero da Escrita, seguido de novos ensaios*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins fonte, 2002.

\_\_\_\_\_. *Aula*. Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do colégio de França. Tradução de Leyla Perrone – Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: Um Lírico no Auge do Capitalismo*. Obras Escolhidas Volume III. São Paul: Editora Brasiliense. 1989.

BOLLE, Willi. “*fisiognomia*” *da Metrópole Moderna, representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: Editora da USP, 1994.

BOSI, Alfredo. *O Enigma do Olhar*. São Paulo: Editora Ática, 999.

\_\_\_\_\_. (org.) *As Cidades da Cidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

CÂNDIDO, Antônio. *O Discurso e a Cidade*. São Paulo: Editora Livraria duas cidades, 1993.

\_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

\_\_\_\_\_. *O Discurso e a Cidade*. Editora Ouro Sobre Azul. Rio de Janeiro, 2004. FERNANDES, Ronaldo Costa. *O Narrador do Romance e Outras Considerações sobre Romance*. Rio de Janeiro: Editora Sete Letras, 1996.

FISCHER, Ernest. *A Necessidade da Arte*. Tradução de Leandro Konder. Rio de Janeiro: Editora Zahar Editores S.A, 1983.

FREITAG, Bárbara. (org.). *Cidade e Literatura*. Rio de Janeiro: Revista Tempo Brasileiro, nº 132, 1998.

GOLDMANN, Lucien. *A Sociologia do Romance*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976.

HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria de La Acción Comunicativa, I. Racionalidad de la acción y racionalización social*. Madri: Taurus, 2001.

LIMA, Rogério & FERNANDES, Ronaldo Costa (org.). *O Imaginário da cidade*. Brasília: UNB, 2000.

LOYOLA, Valeska Maria Zanello de. *A Metáfora no Trabalho Clínico*. Guarapari: Editora Ex Libris, 2007.

LÜHR, Volker. *Sobre la Utilidad de la Literatura Para la Sociologia*. In: Revista Tempo Brasileiro nº 132. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1998.

MUMFORD, Lewis. *A Cidade na História: Suas Origens, Transformações e Perspectivas*.

Tradução de Neil R. da Silva. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da Cidade, Visões Literárias do Urbano: Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre*. Rio Grande do Sul: Editora Universidade/UFRGS, 1999.

RICOUER, Paul. *Tempo me Narrativa (tomo I)*. Tradução Constança Marcondes César. Campinas/SP: Editora Papirus, 1994.

\_\_\_\_\_. *Teoria da Interpretação*. Lisboa: Edições 70, 2000.

\_\_\_\_\_. *O processo metafórico como cognição, imaginação e sentimento*” In: *Da Metáfora*. São Paulo: Editora EDUC, 1992.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Edusp, 2002.

SENNET, Richard. *Carne e Pedra, o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997.

SIMMEL, Georg. *A Metrópole e a Vida Mental*. In: VELHO, Otávio G. (org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

TADIÉ, Jean-Yves. *O Romance no século XX*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992. WAIZBORT, Leopoldo. *As Aventuras de Simmel*. São Paulo: Editora 34, 2000.